


**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS DA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA À LUZ DAS METODOLOGIAS ATIVAS E DA PEDAGOGIA DA ESCUTA**

**LITERACY PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CHALLENGES OF PEDAGOGICAL MEDIATION IN LIGHT OF ACTIVE METHODOLOGIES AND LISTENING PEDAGOGY**

**PRÁCTICAS DE ALFABETIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: RETOS DE LA MEDIACIÓN PEDAGÓGICA A LA LUZ DE LAS METODOLOGÍAS ACTIVAS Y LA PEDAGOGÍA DE LA ESCUCHA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-232>

**Data de submissão:** 18/06/2025

**Data de publicação:** 18/07/2025

**Roberly de Oliveira Alves Machado**

Especialista em TEA, Psicopedagogia, Dislexia, Gestão Educacional e Orientação Pedagógica

Instituição: Universidade Estadual de Goiás

Endereço: Goiás, Brasil

E-mail: roberlyolive@gmail.com

**Jean Carlos Batista Pereira da Silva**

Especialista em Gestão e Orientação Educacional, Atendimento Educacional Especializado, Alfabetização e Letramento, e Atendimento Psicopedagógico

Instituição: Universidade Planalto

Endereço: Distrito Federal, Brasil

E-mail: Jeanpedagogia@gmail.com

**Herbatha Elkya Guedes da Silva**

Especialista em Educação Infantil com ênfase em Alfabetização e Letramento e Orientação Educacional

Instituição: Universidade do Distrito Federal

Endereço: Distrito Federal, Brasil

E-mail: herbathaguedes@gmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo discute as práticas de letramento na Educação Infantil a partir da mediação pedagógica ancorada nas metodologias ativas e na pedagogia da escuta. Compreendendo o letramento como prática social, cultural e afetiva, busca-se superar a lógica da alfabetização precoce e fragmentada, defendendo experiências significativas e contextualizadas com a linguagem escrita. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, combina revisão bibliográfica com a análise reflexiva de uma prática pedagógica vivenciada em uma turma de Pré II da rede pública de ensino. O referencial teórico sustenta-se em autores como Soares, Kleiman, Rinaldi, Vygotsky, Wallon e Oliveira-Formosinho, que enfatizam o protagonismo infantil, a escuta ativa, a afetividade e a intencionalidade docente. A análise evidencia que o letramento na infância deve emergir da escuta sensível às crianças, do respeito aos seus tempos e do incentivo à participação ativa por meio de projetos, rodas de conversa, leitura compartilhada e escritas espontâneas. Conclui-se que as práticas de letramento se tornam mais

potentes, inclusivas e transformadoras quando respeitam a singularidade das infâncias e se constroem em diálogo com suas experiências e desejos.

**Palavras-chave:** Letramento na Infância. Pedagogia da Escuta. Metodologias Ativas. Mediação Pedagógica. Educação Infantil.

### ABSTRACT

This article discusses literacy practices in Early Childhood Education based on pedagogical mediation grounded in active methodologies and the pedagogy of listening. Understanding literacy as a social, cultural, and affective practice, the study aims to move beyond the logic of early and fragmented alphabetization, advocating for meaningful and contextualized experiences with written language. The research adopts a qualitative, descriptive-analytical approach, combining a literature review with reflective analysis of a pedagogical experience carried out in a public Pre-K classroom. The theoretical framework is based on authors such as Soares, Kleiman, Rinaldi, Vygotsky, Wallon, and Oliveira-Formosinho, who emphasize child protagonism, active listening, affectivity, and intentional teaching practices. The analysis reveals that literacy in early childhood must emerge from attentive listening to children, respecting their developmental pace and encouraging active participation through projects, group discussions, shared reading, and spontaneous writing. It concludes that literacy practices become more powerful, inclusive, and transformative when they respect children's uniqueness and are built in dialogue with their experiences and interests.

**Keywords:** Early Childhood Literacy. Pedagogy of Listening. Active Methodologies. Pedagogical Mediation. Early Childhood Education.

### RESUMEN

Este artículo analiza las prácticas de alfabetización en la educación infantil a través de la mediación pedagógica, basada en metodologías activas y la pedagogía de la escucha. Entendiendo la alfabetización como una práctica social, cultural y afectiva, busca superar la lógica de la alfabetización temprana y fragmentada, abogando por experiencias significativas y contextualizadas con la lengua escrita. La investigación, que utiliza un enfoque cualitativo y un enfoque descriptivo-analítico, combina una revisión bibliográfica con un análisis reflexivo de una práctica pedagógica experimentada en una clase de Pre-K II en el sistema escolar público. El marco teórico se basa en autores como Soares, Kleiman, Rinaldi, Vygotsky, Wallon y Oliveira-Formosinho, quienes enfatizan el liderazgo infantil, la escucha activa, el afecto y la intencionalidad docente. El análisis destaca que la alfabetización en la infancia debe surgir de la escucha sensible a los niños, el respeto a su tiempo y el fomento de la participación activa a través de proyectos, grupos de discusión, lectura compartida y escritura espontánea. Se concluye que las prácticas de alfabetización se vuelven más poderosas, inclusivas y transformadoras cuando respetan la singularidad de los niños y se construyen en diálogo con sus experiencias y deseos.

**Palabras clave:** Alfabetización Infantil. Pedagogía de la Escucha. Metodologías Activas. Mediación Pedagógica. Educación Infantil.

## 1 INTRODUÇÃO

O letramento na Educação Infantil é um processo que ultrapassa a simples aquisição da leitura e da escrita, envolvendo experiências sociais e culturais que possibilitam à criança se inserir de forma significativa no universo da linguagem. Longe de antecipar a alfabetização formal, trata-se de promover o acesso à cultura escrita por meio de práticas contextualizadas, afetivas e sensíveis às múltiplas linguagens infantis. Esse artigo tem como objetivo analisar práticas de letramento desenvolvidas na Educação Infantil sob a perspectiva das metodologias ativas e da pedagogia da escuta, destacando a mediação pedagógica como eixo central da construção de sentidos na experiência escolar das crianças.

Para alcançar esse objetivo, optou-se por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico, ancorada em uma revisão bibliográfica com autores clássicos e contemporâneos — como Soares (2003), Kleiman (2005), Rinaldi (2002), Oliveira-Formosinho (2002) e Vygotsky (1991) —, associada à análise reflexiva de uma experiência pedagógica vivenciada por uma das autoras em uma turma de Pré II da rede pública de ensino. A investigação se propõe a compreender como as práticas de letramento podem se tornar mais potentes e inclusivas quando sustentadas por escuta ativa, intencionalidade docente e metodologias que valorizam o protagonismo infantil.

A fundamentação teórica parte da concepção de letramento como prática social e cultural, que se constrói na interação com o outro e no engajamento com práticas significativas de leitura e escrita. A pedagogia da escuta, inspirada nas experiências de Reggio Emilia e aprofundada por Rinaldi (2002) e Bondioli e Mantovani (2007), oferece o suporte ético e estético para uma atuação pedagógica sensível às vozes infantis. Já as metodologias ativas, conforme defendido por Moran (2015) e Valente (2019), se configuram como estratégias que favorecem a participação efetiva da criança na construção do conhecimento, em contextos lúdicos, criativos e investigativos.

A discussão, estruturada em quatro eixos analíticos, evidencia a escuta da criança como pilar transformador das práticas de letramento, destacando as experiências vivas e contextuais que emergem do cotidiano escolar. Analisa-se também a mediação pedagógica como prática intencional que respeita a singularidade e o tempo da infância, contrastando-a com práticas mecânicas e descontextualizadas de alfabetização precoce, ainda presentes em muitas instituições. O artigo propõe, assim, uma crítica à antecipação da escolarização, defendendo o letramento como direito da criança de se expressar, criar e construir sentidos por meio da linguagem escrita em contextos significativos.

Conclui-se que as práticas de letramento na Educação Infantil tornam-se verdadeiramente transformadoras quando articulam escuta, afeto, mediação ética e metodologias participativas. Ao reconhecer a criança como sujeito potente, capaz de produzir cultura e construir conhecimentos, o

educador amplia sua própria prática e contribui para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e socialmente engajados. O letramento, nesse cenário, deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser vivenciado como experiência de mundo — uma travessia coletiva que começa pela escuta e se projeta em palavras que narram, significam e reinventam a infância.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A compreensão do letramento na Educação Infantil exige uma abordagem que vá além da decodificação de letras e sílabas. Trata-se de inserir a criança em práticas sociais de leitura e escrita que façam sentido em sua vida cotidiana e ampliem sua visão de mundo. Segundo Soares (2003), o letramento envolve não apenas a aquisição da leitura e da escrita, mas sobretudo a capacidade de fazer uso social e funcional da linguagem escrita em diferentes contextos.

Essa perspectiva é reforçada por Kleiman (2005), ao argumentar que o letramento é um processo cultural e interacional, que se dá por meio das práticas sociais nas quais a linguagem escrita é significativa. Tfouni (1995), por sua vez, amplia essa noção ao destacar que o letramento não se restringe à alfabetização, sendo um processo contínuo de inserção crítica na cultura letrada.

Na Educação Infantil, as práticas de linguagem devem priorizar a ludicidade, a escuta ativa e o protagonismo infantil, respeitando o tempo e o modo como cada criança se apropria da linguagem. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) ressalta a importância de experiências significativas de oralidade, leitura e escrita desde os primeiros anos, enfatizando que a linguagem é uma das competências fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, a linguagem é entendida como eixo estruturante do currículo da Educação Infantil, articulando-se com os demais campos de experiência e contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e criativos.

Autoras como Kramer (2003) e Oliveira (2010) defendem que a linguagem na infância deve ser promovida por meio de interações significativas, mediadas por adultos sensíveis ao universo simbólico das crianças. Isso implica reconhecer que a linguagem emerge das relações, das brincadeiras, das narrativas e das múltiplas formas de expressão que a criança constrói em seu cotidiano escolar. Assim, o letramento na Educação Infantil deve ser concebido como um processo contínuo de produção de sentidos, e não como uma antecipação da alfabetização formal.

Dentro dessa perspectiva, destaca-se a pedagogia da escuta, proposta originalmente no contexto das escolas de Reggio Emilia, na Itália. Rinaldi (2002) propõe a escuta como atitude ética e estética, que reconhece a criança como sujeito potente, criativo e capaz de expressar suas ideias e sentimentos de diversas formas. Escutar a criança, portanto, vai além de ouvi-la: é acolher suas múltiplas linguagens

e interpretar seus gestos, silêncios e expressões como formas legítimas de comunicação e construção de conhecimento. Para Bondioli e Mantovani (2007), a escuta sensível é uma prática de corresponsabilidade entre adultos e crianças, em que se reconhece a autonomia do sujeito infantil e sua capacidade de protagonismo.

No cenário brasileiro, autores como Barbosa (2018) vêm reforçando a importância de uma escuta ativa e atenta na Educação Infantil, compreendendo a criança como um ser em constante diálogo com o mundo. Quando o professor se dispõe a escutar, ele também se permite aprender com as crianças, recriando cotidianamente sua prática pedagógica. Essa escuta é condição essencial para o planejamento de experiências de letramento que respeitem os interesses, curiosidades e modos de ser de cada criança.

Articular o letramento à pedagogia da escuta exige, também, a presença de metodologias ativas, que reconheçam a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Moran (2015) destaca que metodologias ativas, ao promoverem o envolvimento dos estudantes na construção do conhecimento, favorecem uma aprendizagem mais significativa, reflexiva e colaborativa. No contexto da Educação Infantil, tais metodologias se concretizam em projetos pedagógicos, rodas de conversa, oficinas criativas, brincadeiras simbólicas e outras práticas que valorizam o fazer, o experimentar e o refletir da criança.

Valente (2019), reforça que as metodologias ativas na infância não consistem em replicar modelos do Ensino Fundamental, mas sim em criar ambientes nos quais as crianças possam investigar, perguntar, criar hipóteses e encontrar diferentes formas de resolver problemas a partir de suas vivências. O letramento, nesse contexto, emerge como prática viva, integrada à realidade das crianças, sendo motivado por situações reais de comunicação e expressão.

É nesse cenário que se destaca o papel da mediação pedagógica intencional, fundamentada em Vygotsky (1991), que compreende a aprendizagem como processo social, mediado pelo outro mais experiente. Para o autor, a linguagem é uma das principais ferramentas culturais de mediação do desenvolvimento, e o professor tem papel essencial na criação de zonas de desenvolvimento proximal – espaços em que a criança pode avançar em suas capacidades com o apoio do adulto. A mediação, portanto, não se trata de direcionar o que a criança deve fazer, mas de criar condições para que ela descubra, experimente e ressignifique suas experiências.

Oliveira-Formosinho (2002), reforça a importância da intencionalidade docente no planejamento de práticas significativas. A escuta sensível do professor, aliada a uma mediação ética e reflexiva, permite a construção de um currículo vivo, centrado na criança, no contexto e nos vínculos.

É nesse ambiente de confiança, respeito e participação que as práticas de letramento se tornam verdadeiramente inclusivas, potentes e transformadoras.

Nesse mesmo sentido, Henri Wallon (2007) destaca a importância da afetividade e do corpo no desenvolvimento da criança, defendendo que a construção do conhecimento ocorre de forma integrada entre emoção, movimento e cognição. Para o autor, a mediação pedagógica precisa considerar as dimensões afetivas e expressivas da infância, respeitando os tempos e ritmos de cada sujeito. Essa visão corrobora a necessidade de propostas que envolvam a criança por inteiro — corpo, mente e emoção — como fazem as metodologias ativas quando integradas à escuta sensível.

Nessa perspectiva, o letramento na Educação Infantil também deve ser compreendido como uma prática que extrapola a decodificação de letras, envolvendo as múltiplas linguagens da infância em uma experiência afetiva, expressiva e social. Ao considerar a criança em sua totalidade, o letramento torna-se uma vivência significativa que emerge das interações entre o sentir, o agir e o pensar — dimensões indissociáveis do desenvolvimento infantil segundo Wallon. Assim, práticas de leitura, escrita e oralidade ganham sentido quando inseridas em contextos que valorizam o brincar, o diálogo, o movimento e a escuta, permitindo que cada criança acesse o universo da linguagem escrita de forma singular, respeitosa e humanizada.

Dessa forma, compreende-se que promover o letramento na Educação Infantil exige mais do que materiais didáticos ou atividades pré-formatadas. Exige a escuta atenta das infâncias, a valorização da diversidade, a intencionalidade ética do educador e a criação de experiências pedagógicas que dialoguem com os saberes e os desejos das crianças. Somente assim, o letramento poderá ser vivido como processo social, cultural e afetivo, que contribui para a formação integral de sujeitos críticos e participativos desde os primeiros anos de vida.

### **3 METODOLOGIA**

Este artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico, que parte da vivência concreta no ambiente da Educação Infantil para refletir sobre os processos de letramento mediados pela escuta da criança e pelas metodologias ativas. A investigação combina dois procedimentos principais: a revisão bibliográfica e a análise de uma experiência prática, observada e registrada por uma das autoras, professora atuante em turma de Pré II na rede pública de ensino.

A revisão bibliográfica contempla autores clássicos e contemporâneos que contribuem para a compreensão do letramento como prática social (Soares, 2003; Kleiman, 2005; Tfouni, 1995), além de estudiosos da infância e das práticas pedagógicas que reconhecem o protagonismo infantil, a escuta e



a mediação docente como pilares de uma educação transformadora (Rinaldi, 2002; Barbosa, 2018; Oliveira-Formosinho, 2002; Vygotsky, 1991).

A análise de campo consiste em um exercício reflexivo a partir da prática pedagógica cotidiana da autora 1, que trabalha em uma turma de Educação Infantil com características diversas: crianças com diferentes tempos de desenvolvimento, formas singulares de interação e percursos únicos de aprendizagem. O foco da análise está nas estratégias utilizadas para promover o letramento de maneira significativa, sem antecipar a alfabetização, mas garantindo às crianças o acesso à cultura escrita por meio de experiências reais, afetivas e participativas.

Foram considerados como fontes de análise os registros de observação sistemática, as situações pedagógicas desenvolvidas no cotidiano e as respostas das crianças frente às propostas de leitura, escrita e uso da linguagem em diferentes contextos. Essas vivências são interpretadas à luz dos referenciais teóricos, respeitando o princípio da análise crítica situada — que valoriza os contextos específicos e a escuta atenta do sujeito pedagógico.

Assim, o percurso metodológico deste artigo visa não apenas descrever práticas de letramento na Educação Infantil, mas compreender de que forma elas podem se tornar mais potentes quando sustentadas por metodologias ativas, pela escuta da criança e pela intencionalidade do professor que atua como mediador e construtor de sentidos junto ao grupo infantil.

## **4 DISCUSSÃO E ANÁLISE**

### **4.1 A ESCUTA DA CRIANÇA COMO EIXO TRANSFORMADOR DO LETRAMENTO**

Na Educação Infantil, a escuta ativa da criança representa mais do que um gesto de atenção: ela é um eixo estruturante da ação pedagógica, que possibilita o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista dos seus próprios processos de aprendizagem. Ao ouvir o que a criança expressa — verbal ou não verbalmente — o educador tem acesso aos seus interesses, dúvidas, medos, fantasias, modos de pensar e imaginar o mundo. Essa escuta, segundo Rinaldi (2002), não é neutra: trata-se de uma postura ética e política, que implica reconhecimento, valorização e compromisso com a singularidade de cada infância.

No cotidiano da sala de aula, escutar a criança é observar atentamente seus gestos ao folhear um livro, suas tentativas de escrever seu nome, suas narrativas espontâneas e perguntas carregadas de curiosidade. É acolher suas hipóteses sobre a escrita, suas invenções gráficas, seu modo único de se comunicar com o mundo por meio da linguagem. Como propõe Oliveira-Formosinho (2002), a escuta ativa permite que o professor compreenda a lógica interna da criança, seu processo de construção do conhecimento, sua forma de experimentar e atribuir sentido às práticas sociais.

Ao considerar essas manifestações como legítimas e potentes, o professor transforma a experiência do letramento: não mais uma sequência de exercícios isolados e descontextualizados, mas um processo relacional, intersubjetivo, carregado de sentido e profundamente conectado à vivência da criança. Escutar, nesse contexto, significa permitir que o letramento emergja de dentro para fora — da criança para o currículo — respeitando seu tempo, suas experiências e seu desejo de participar do universo da linguagem escrita. Essa perspectiva rompe com a lógica da escolarização precoce, que antecipa etapas da alfabetização sem respeitar os princípios fundamentais do desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, o letramento na Educação Infantil não pode ser reduzido à introdução precoce de códigos alfabéticos. Ele precisa ser compreendido como processo social, afetivo e cultural que se constrói em interações significativas, em contextos vivos de linguagem, em espaços onde a criança possa falar, ouvir, criar, escrever e se expressar com liberdade.

#### 4.2 PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE LETRAMENTO: EXPERIÊNCIAS VIVAS E CONTEXTUAIS

A escuta ativa, quando aliada às metodologias ativas, permite o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconhecem a criança como sujeito histórico, cultural e capaz. Nesse modelo de atuação, o educador não entrega conteúdos prontos, mas cria ambientes ricos, provocadores, que convidam à descoberta, à participação e à autoria. Nessa perspectiva, o letramento se dá de forma situada, dialógica e sensível às experiências cotidianas da criança.

As rodas de conversa, por exemplo, tornam-se importantes espaços de letramento oral e coletivo. Nelas, a criança exercita a argumentação, amplia seu vocabulário, aprende a escutar e ser escutada, compreende as regras básicas do diálogo e constrói sentidos em interação com o outro. Essas vivências, embora muitas vezes invisibilizadas em planejamentos tradicionais, constituem fundamentos essenciais para a apropriação da linguagem escrita.

A leitura compartilhada, especialmente quando permeada por intencionalidade e afeto, estimula o interesse pelos livros e pela escrita. Ao ouvir histórias, fazer perguntas, explorar ilustrações e antecipar significados, a criança participa ativamente do processo de leitura. Quando o professor lê com as crianças — e não apenas para elas —, o momento se torna uma experiência estética, cultural e de vinculação com a linguagem. O contato com diferentes gêneros textuais, como listas, bilhetes, convites, receitas e poesias, amplia o repertório simbólico e contribui para o desenvolvimento da consciência textual e funcional da escrita.

As escritas espontâneas também ocupam papel central no processo de letramento. Quando a criança registra nomes, símbolos, palavras inventadas ou frases com grafias próprias, ela está



experimentando a escrita de forma livre e significativa. Essas produções, longe de serem corrigidas, devem ser valorizadas como manifestações de pensamento e hipóteses sobre o sistema alfabético. Como afirma ferreiro (2001), a criança constrói ativamente seu conhecimento sobre a linguagem escrita e precisa de espaços reais e contextualizados para exercer essa construção.

Projetos pedagógicos integrados aos interesses do grupo — como temas relacionados à natureza, aos animais, à comunidade ou aos personagens preferidos — são estratégias que favorecem o letramento de forma transversal. Por meio deles, a leitura e a escrita ganham sentido, pois se relacionam com questões que mobilizam o desejo da criança de comunicar, registrar, descobrir e interagir. Nesses contextos, o letramento deixa de ser uma imposição curricular para se tornar necessidade comunicativa real.

#### 4.3 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES

A mediação pedagógica é o elo entre a escuta da criança e a construção do letramento. Inspirada na teoria sociocultural de Vygotsky (1991), ela pressupõe que o desenvolvimento ocorre a partir das relações interpessoais e que o professor tem papel ativo na criação de contextos de aprendizagem significativos. Mediar é muito mais do que explicar conteúdo: é provocar, acompanhar, interpretar, escutar e oferecer desafios possíveis à criança.

Na prática, porém, os desafios são diversos. As turmas heterogêneas, o excesso de demandas administrativas, a rigidez de alguns currículos e a cultura da antecipação dificultam a escuta atenta e comprometem o tempo necessário para uma mediação sensível. Ainda assim, quando o professor atua com intencionalidade e abertura para a diversidade dos processos infantis, a mediação torna-se potente. Nesses casos, o professor não impõe, mas dialoga; não corrige, mas propõe; não conduz, mas caminha junto com a criança.

As metodologias ativas são grandes aliadas nesse processo, pois favorecem a adaptação de estratégias conforme os interesses e ritmos do grupo. Atividades investigativas, jogos simbólicos, oficinas de escrita, criação de livros coletivos e rodas de leitura são formas de mediação que respeitam a criança como sujeito e ampliam suas experiências com a linguagem escrita de maneira lúdica, criativa e contextualizada.

#### 4.4 CRÍTICA ÀS PRÁTICAS MECÂNICAS DE ALFABETIZAÇÃO PRECOCE

Apesar dos avanços nas concepções de infância e letramento, ainda se observa em muitas instituições uma valorização excessiva de práticas tradicionais e mecanizadas, que priorizam o ensino de letras, sílabas e palavras de forma isolada e repetitiva, ignorando a função social da linguagem.

Essas práticas são frequentemente justificadas por pressões externas, como avaliações institucionais, metas de desempenho e expectativas familiares que confundem letramento com alfabetização precoce.

Entretanto, é preciso afirmar que a antecipação da alfabetização formal desconsidera o tempo da infância e compromete a qualidade da aprendizagem. Quando a escrita é introduzida de forma forçada, sem contexto ou significado, ela se torna uma tarefa desinteressante, fragmentada e, muitas vezes, frustrante para a criança. Essa antecipação ignora a riqueza da experiência infantil e transforma o letramento em um conjunto de exercícios mecânicos, muitas vezes desconectados da vida real.

Em contraponto a essa lógica, este artigo defende uma concepção de letramento que respeita o brincar, a escuta, a expressão e os tempos da criança. Quando a linguagem escrita é apresentada em contextos afetivos, criativos e culturalmente relevantes, ela não apenas prepara para a alfabetização, mas forma sujeitos capazes de se expressar, argumentar, imaginar, participar e transformar o mundo com as palavras que constroem e ressignificam.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As práticas de letramento na Educação Infantil ganham potência, sentido e valor transformador quando articuladas a uma pedagogia da escuta, a metodologias ativas e a uma mediação pedagógica intencional, sensível e ética. Ao reconhecer a criança como sujeito histórico, cultural e afetivo, é possível construir experiências com a linguagem escrita que não apenas respeitam, mas ampliam seus modos de expressão, investigação e pertencimento.

Superar a lógica da alfabetização precoce e fragmentada exige um redirecionamento das práticas docentes para caminhos que valorizem o brincar, a oralidade, a autoria e o diálogo como formas legítimas de letrar — em um processo no qual a escrita não se antecipa, mas emerge das vivências significativas das infâncias. Nesse percurso, a escuta ativa se consolida como eixo político e formativo, capaz de revelar os interesses, tempos e desejos de cada criança, possibilitando que o currículo se construa em diálogo com suas experiências e contextos.

A inclusão da perspectiva de Henri Wallon contribui para reafirmar que o letramento é um processo que se dá de forma integrada entre emoção, cognição e movimento, exigindo do educador um olhar atento à totalidade do desenvolvimento infantil. Ao lado de Vygotsky, Oliveira-Formosinho, Rinaldi e outros teóricos que fundamentam este estudo, Wallon permite compreender que a aprendizagem da linguagem escrita deve ser mediada não apenas pelo conteúdo, mas pelo vínculo, pela corporeidade e pela afetividade que sustentam o ato educativo.

Conclui-se, portanto, que práticas de letramento realmente inclusivas e transformadoras são aquelas que escutam, acolhem e provocam a criança em sua inteireza, criando oportunidades para que

ela participe ativamente do mundo letrado a partir de seus próprios repertórios culturais, emocionais e expressivos. Nesse cenário, o professor se torna mediador de encontros com a linguagem — encontros que respeitam as singularidades, ampliam horizontes e possibilitam à criança não apenas aprender a escrever, mas a escrever-se no mundo.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Educação Infantil: para além dos discursos. São Paulo: Cortez, 2018.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. A escuta, as crianças e a escola: uma experiência possível. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Reggio Emilia: Editora Autêntica, 2007.
- FERREIRO, Emilia. Pastas de investigação de Emilia Ferreiro. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de sala de aula. In: Signorini, Inês. (Org.). Letramento e diversidade. Campinas: Mercado de Letras, p. 101-126, 2005.
- MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (Orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, p. 15-40, 2015.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2010.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A construção da profissionalidade docente: do currículo à prática. Porto: Porto Editora, 2002.
- RINALDI, Carlina. In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning. London: Routledge, 2002.
- SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.
- VALENTE, Wagner Rodrigues. Metodologias ativas no ensino de Ciências e Matemática na infância: possibilidades e desafios. In: ROCHA, Sílvia C. et al. (Orgs.). Ensino de Ciências e Matemática na Educação Infantil. Campinas: Papirus, p. 49-70, 2019.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luiz S. Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007